



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **A QUESTÃO DA MEMÓRIA NA INTERIORIDADE EM AGOSTINHO: UMA LEITURA A PARTIR DE PAUL RICOEUR**

Jadilson Almeida Vilas Boas  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: jadeccvilasboas@yahoo.com.br

Lucas Soares da Silva.  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: lucassoaresdasilva93@gmail.com

Elton Moreira Quadros.  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: emquadros@uneb.br

### **INTRODUÇÃO**

Como aponta Ricoeur (2010), as reflexões sobre a memória ao tentar responder a pergunta “quem lembra”, acaba por se dividir em duas tradições, a tradição da memória interior e a tradição da memória coletiva (ou social).

O pensamento de Agostinho está inserido na tradição da memória como interioridade, uma vez que, para o bispo de Hipona, a memória seria um dos “mecanismos” de busca no autoexame, na autoconsciência em busca de Deus que habita, segundo o autor, no interior de cada humano. Logo, o modo de pensar a memória, para Agostinho, estaria nessa relação entre o “eu” e “Deus”.

Neste trabalho, buscamos refletir sobre como se dá no pensamento de Agostinho esse “funcionamento” da memória na interioridade, para isso, analisaremos num primeiro momento a questão da interioridade, passando para a questão da memória na obra do autor das *Confissões* no momento posterior.

### **METODOLOGIA**

O foco dessa pesquisa é a obra *As Confissões* de Agostinho e tem como proposta interpretativa a análise realizada no livro *A memória, a história, o esquecimento* por Ricoeur, visando investigar de que maneira a interioridade e a memória estão presentes e em diálogo na obra do autor medieval.

Trata-se de uma pesquisa teórica, tendo como ponto de partida a análise filosófica e dialógica das obras dos autores acima citados.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### O caminho à interioridade

Agostinho é o filósofo da interioridade. Essa afirmação parece estar presente em uma boa parte dos intérpretes do pensamento agostiniano, tais como Ricoeur (2010), Vasconcellos (2014), Quadros (2016), Scherer (2018).

Infere-se a partir da afirmação acima que, para Agostinho, Deus habita o interior do homem fazendo com que ele se afaste de toda e qualquer *metafísica do materialismo* e, diante desse afastamento, percorra um caminho que leva a Deus: “E como invocarei meu Deus, meu Deus e meu Senhor, se ao invocá-lo o faria certamente dentro de mim” (AGOSTINHO, 2019, p. 13). Assim, para o autor das *Confissões*, o caminho para encontrar Deus se dá na interioridade: “E, assim, se existo, que motivo pode haver para Te pedir que venhas a mim, já que não existiria se em mim não habitásseis?” (AGOSTINHO, 2019, p. 13).

Tratar desse tema em Agostinho, isto é, a relação do homem e Deus, não é de todo fácil devido a particularidades intelectuais suscitadas no interior da sua produção filosófico-teológico “dado o caráter assistemático de sua obra e a variedade dos temas que aborda” (VASCONCELLOS 2014, p. 21).

Pensar a interioridade consoante Agostinho é dialogar com a realidade da experiência do autor africano consigo mesmo e, por consequência, a realidade da sua experiência com Deus. Para Fernandes, (2019, p. 48) “O interior é o lugar da escuta, do encontro com Deus, do retorno à natureza primordial (...)”. Nesse sentido, Deus e interioridade não parecem ser conhecimentos distintos em Agostinho. Para o pensador de Tagaste, um e outro se encontram estreitamente ligados, pois a interioridade é habitada por Deus: “Eu nada seria meu Deus, nada seria em absoluto, se não estivesse em mim” (AGOSTINHO, 2019, p. 14). Portanto, para encontrar a Deus talvez seja possível somente quando, a interioridade, isto é, o homem interior, realizar o encontro consigo mesmo e isso não pode acontecer sem a presença, na interioridade humana, da memória.

Agostinho revela n’*As Confissões* que a mudança da descoberta de si próprio é também a mudança para a interioridade pelo mergulho no seu próprio “eu”. Esse mergulho indica uma questão fundamental, ou seja, a interioridade consiste no lugar por excelência do conhecimento. Se o divino ilumina o interior humano pela sua presença



originária, cabe ao humano o esforço de buscar a partir de si próprio Deus, mas, nesse percurso é imprescindível encontrar-se consigo mesmo.

E aí, vemos que a memória entra como fator de reconhecimento de si, funcionando como um estar entre a exterioridade e a interioridade, o que abordaremos mais detalhadamente a seguir.

### A memória

No livro X das *Confissões*, Agostinho parece lançar mão do uso de metáforas para descrever a atividade da memória: “É grande esta força da memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pôde sondar até o profundo?” (AGOSTINHO, 2019, p. 174).

A memória constitui um dos principais temas, além de inúmeros outros, que norteiam o Livro X das *Confissões*: “Grande é realmente o poder da memória, prodigiosamente grande, meu Deus! É um santuário amplo e infinito” (AGOSTINHO, 2019, p. 174). De certo, Deus representa uma questão importante para se compreender a memória. Ou seja, é a presença de Deus na interioridade, fundamentada numa perspectiva da “tradição do olhar interior sobre o fundo da experiência cristã da conversão”, que torna Agostinho “ao mesmo tempo sua expressão e seu iniciador” (RICOEUR, 2007, p. 108).

Contudo, esclarece o filósofo francês, “(...) não são ainda a consciência e o si, nem tampouco o sujeito que Santo Agostinho descreve e honra, mas já é o homem interior que se lembra de si mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Portanto, o autor francês, ao fazer a análise do texto das *Confissões*, evidencia que Agostinho discorre fundamentalmente sobre “o homem interior que se lembra de si mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Ainda dentro dessa reflexão, para Ricoeur, a força dessa perspectiva se encontra, na realização da “análise da memória à do tempo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Todavia, não vamos adentrar na análise da memória à do tempo agostinianos neste trabalho.

O pensador de Tagaste parte da interioridade, ou seja, num retorno a si mesmo, afirma que o homem se coloca em disponibilidade para o encontro com Deus e, conseqüentemente, para o encontro com a memória: “Eis como esquadrinhei minha memória em tua procura, Senhor: não me foi possível encontrar-te fora dela”



(AGOSTINHO, 2019, p. 186). Assim, é na memória que Deus é primeiramente buscado, uma vez que, quando nos esquecemos de algo é em Deus que deve começar a busca, pois “(...) desde que Te conheço, permaneces em minha memória” (AGOSTINHO, 2019, p. 186) e, ao mesmo tempo, como Deus habita o interior do homem, é também numa busca de si que se dá o “círculo” da memória. Dessa forma, procurar a Deus e a memória significa, para o homem, procurar a si mesmo.

Enfim e retomando as lições de Ricoeur sobre a memória, o autor francês afirma que, a memória é o presente do passado e, por isso, para Agostinho a memória na interioridade consiste num caminho de reconhecimento, aprendizado e de encontro com Deus e consigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos refletir sobre como se dá no pensamento de Santo Agostinho o “funcionamento” da memória e da interioridade, para isso, analisamos num primeiro momento a questão da interioridade, passando, em seguida, para a questão da memória no pensamento do santo cristão na obra as *Confissões*.

A memória e a interioridade parecem indissociáveis quando abordadas pelo autor. A memória consiste na dimensão interior do ser humano e, nesse sentido, é na própria interioridade que o homem poderá alcançar Deus. Dessa forma, Agostinho traz a discussão sobre a memória para a interioridade. Esta será pensada como um espaço interior, mas como espaço interior habitado pelo divino.

Portanto, o percurso filosófico que inaugura a atitude agostiniana é a afirmação da memória como sendo de si mesmo, de sua interioridade. Nesse contexto, podemos afirmar que Agostinho expõe a noção de que a memória é a forma por excelência que revela o seu interior, do homem ao próprio homem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento; Deus; Interior; Reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. [http://lelivros.love/book/baixar-livro-confissoes-santo-agostinho-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/#tab-additional\\_information](http://lelivros.love/book/baixar-livro-confissoes-santo-agostinho-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/#tab-additional_information). Acesso em 11 abr. 2019.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

FERNANDES, M. I. A. **Interioridade e Conhecimento em Agostinho de Hipona.**

Dissertação de Mestrado – PUC – São Paulo. Disponível em:

<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040613.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

QUADROS, E. M. **A questão da memória em Aristóteles e Agostinho** – uma releitura a partir de Paul Ricoeur. Scintilla, Curitiba, v. 13, n. 2, jul./dez.2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHERER, Fábio César. **Memória e interioridade nas Confissões.** Controvérsia – v.2, n.2, p. 34-42 (jan-jun 2006). Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7067/3919>. Acesso em: 11 dez. 2018.

VASCONCELLOS, Manoel. **Filosofia Medieval: Uma breve introdução.** Pelotas: NEPFIL online, 2014. 118 p. – (Série Dissertatio-Incipientes).